

LECCIONÁRIO COMENTADO

Regenerados pela Palavra de Deus

QUARESMA – PÁSCOA

Organização:
GIUSEPPE CASARIN



INTRODUÇÃO AO TEMPO DA QUARESMA

Todos os anos, o período quaresmal tem a finalidade de preparar os cristãos para a Páscoa. A liturgia, com todas as suas propostas festivas e feriais, guia os fiéis para a celebração da Páscoa, e os catecúmenos para os sacramentos da iniciação cristã (Baptismo, Confirmação ou Crisma, e Eucaristia) que celebrarão na Vigília Pascal.

Baptismo e Reconciliação ou Penitência são, portanto, as características que assinalam este período, sobretudo para aqueles que, já redimidos e renovados em Cristo, se dispõem, através do itinerário anual da caminhada penitencial, a renovar a sua adesão ao mistério da morte e da ressurreição do Salvador.

O tempo da Quaresma decorre de Quarta-feira de Cinzas até à Missa de Quinta-Feira Santa, ou da Ceia do Senhor, inclusive. São quarenta dias (os domingos não entram na contagem!) nos quais os fiéis, através da riqueza dos itinerários festivo e ferial, são amparados na sua caminhada por uma riqueza que cada ano é proposta sempre do mesmo modo (exceptuando o leccionário festivo, conquanto se possa utilizar sempre o leccionário do ano A se se quiser renovar ou aprofundar em anos seguidos o itinerário baptismal).

Diversamente dos outros períodos, a Quaresma é um espaço de tempo em que a escuta da Palavra é acompanhada por obras

que denotam a atitude de conversão: o jejum e a penitência completam tudo o que caracteriza quer o anúncio quer a celebração. E nesta linha não pode esquecer-se o papel das expressões típicas da piedade popular.

Uma riqueza temática com amplos aspectos espirituais e vitais

O percurso ferial oferecido pelo Leccionário é diverso do que apresenta o do Tempo Comum. Com efeito, as leituras são escolhidas cada dia «segundo um tema». Quer a *primeira leitura*, sempre unida ao *salmo responsorial*, quer o *Evangelho*, proclamam um tema unitário. Com o passar das várias semanas, o fiel tem deste modo diante de si o apelo dos elementos fundamentais da vida cristã, segundo uma riqueza que pode ser assim sintetizada:

- nos dias depois das Cinzas: jejum espiritual; conversão interior; fraternidade;
- na primeira semana: amor do próximo e justiça; conversão; cumprimento da vontade do Pai; oração feita com fé; chamados à santidade;
- na segunda semana: perdão dos pecados; interioridade e valores verdadeiros; anúncio da Paixão;
- na terceira semana: escutar o único Senhor; salvos pela fé; perdoarmos para sermos perdoados; interioridade do culto;
- na quarta semana: a vida de renovação interior e a aliança; incredulidade; tentativas para matarem o Senhor;
- na quinta semana: o poder do Senhor que salva e acolhe os homens na unidade;
- nos dias da Semana Santa: as leituras dos primeiros dias da Semana Santa referem-se ao mistério da Paixão (a unção em Betânia; o anúncio e a efectivação da traição de Judas).

Quando se juntam estes temas notamos a sua riqueza e valor, quer considerados em si mesmos, quer no conjunto do itinerário do inteiro ano litúrgico.

A esta riqueza deve acrescentar-se a da Liturgia das Horas, que a complementa. Aqui a palavra de Deus oferece um percurso que completa o das leituras da celebração eucarística; partindo da ampla leitura do Livro do Êxodo, passa-se à Carta aos Hebreus que guia a *lectio* do fiel orante até à manhã do Sábado Santo. Dos conteúdos do «evangelho da antiga aliança» para o texto «homilético», com o qual o autor da Carta quis fornecer a chave interpretativa do mistério da antiga aliança à luz de Cristo e portanto o fundamento do culto cristão.

Um itinerário «sacramental» com uma linguagem eclesial rica

Não é possível apreender a inteira riqueza do anúncio da Palavra se não se relaciona o conteúdo de tal anúncio com a linguagem constituída pelos textos eucológicos. As orações da Missa, sempre diferentes em cada dia, juntamente com os numerosos prefácios e as próprias orações eucarísticas da Reconciliação, oferecem um quadro temático que, se por um lado completa a página bíblica, por outro apresenta-se como uma verdadeira e própria hermenêutica da mesma mensagem bíblica.

A riqueza das orações parte em primeiro lugar das colectas. Cada dia o texto da Colecta introduz ao mistério dando-lhe conotações e cambiantes sempre novas: a partir da anamnese de algum aspecto da obra salvífica, a assembleia invoca a acção divina na sua caminhada.

As orações sobre as oblatas têm a finalidade de unir o significado do sacrifício eucarístico à vida do fiel: a oferta dos sinais sacrificiais constitui a dimensão simbólica da oferta da inteira vida do crente.

As orações depois da comunhão pretendem ajudar o fiel a passar da mesa eucarística para a vida de todos os dias, para que a vida seja uma Eucaristia perene, tendo em vista a participação no eterno banquete do Céu, onde a Páscoa alcançará a sua meta definitiva.

A riqueza contida em cada um dos prefácios requer que cada texto seja relacionado com a perspectiva do título que o caracteriza (tal como o título da leitura bíblica orienta à compreensão do texto que vai ser proclamado e actualizado). O texto do prefácio, seja como for, constitui uma passagem essencial para sintetizar o motivo da acção de graças da parte da assembleia celebrante. É nesta linha que deve escolher-se na lógica temática do inteiro formulário.

A oração sobre o povo, finalmente, que caracteriza todos os dias o novo Missal, constitui um elemento a mais que, se de um lado diferencia a Quaresma dos outros períodos do ano litúrgico, por outro é uma ajuda para contextualizar ulteriormente o dia quaresmal no que respeita ao tempo de preparação para a Páscoa.

A celebração da Reconciliação, os conteúdos da Liturgia das Horas, as diversas formas penitenciais do jejum juntamente – subordinadamente, é claro – com as formas da piedade familiar, oferecem as dimensões, os conteúdos, os desafios, os auxílios para um «caminho de verdadeira conversão» a que é chamado a percorrer, cada ano, o fiel na Quaresma «sinal sacramental de conversão».

MANLIO SODI

A PALAVRA DE DEUS NO TEMPO DA QUARESMA

A Quaresma no mistério pascal

Seria impróprio considerar a Quaresma fora da sua relação com a Páscoa. Ela nasceu precisamente com a finalidade de favorecer uma participação mais profunda e mais intensa no mistério pascal de Cristo, centro da fé e da vida do cristão. É a resposta ao convite de Paulo a celebrar a Páscoa «não com o velho fermento, nem com o fermento de malícia e perversidade, mas com pães sem fermento, isto é, na sinceridade e na verdade» (1COR 5,8). Um mistério tão grande precisa de longa e intensa preparação. Para além de que, desde outros tempos, dias ou anos, nos quais o número quarenta indica um tempo de prova antes de uma vitória final (cf. GN 8,6: a espera de Noé depois do dilúvio; Ex 24,18 e 34,28: a permanência de Moisés no monte; Js 5,6: os quarenta anos de permanência de Israel no deserto; 1SM 17,16: o desafio de Golias a Israel; 1Rs 19,8: Elias caminha durante quarenta dias; JN 3,4: ainda quarenta dias e Nínive será destruída; etc.), o tempo litúrgico da Quaresma recebe a sua medida de quarenta dias passados por Jesus no deserto antes de começar a Sua missão de evangelização. Uma medida que evidentemente não é só quantitativa, mas também qualitativa: o tempo da prova («tentação») de Jesus remete o discípulo, no momento «penoso» da sua sequela,

para a vertente de sofrimento do mistério pascal de Jesus, precisamente a «Paixão» na qual a única possibilidade de ultrapassar a prova consiste em confiar na Palavra de Deus, como o próprio Cristo que responde à tentação da fé com o triplo «a Escritura diz» (Mt 4,4.6.10) da Palavra de Deus. Com o seu apelo à conversão, a Quaresma não esgota em si mesma o seu significado e a sua missão, mas torna-se o «tempo exemplar» para todo o ano: ou seja, fornece as linhas de fundo para uma vida cristã que, inspirando-se na Páscoa do Senhor, se coloca em atitude de «conversão permanente».

É preciso muito cuidado, então, para não isolar a Quaresma da Páscoa. Se o mistério pascal é o centro da fé e da vida do cristão, a Quaresma não deve ser entendida simplesmente como um tempo de preparação para a Páscoa. Ela é uma dimensão do Tempo Pascal que no entanto deve ser enquadrada numa perspectiva mais ampla: a dos noventa dias que incluem também os cinquenta dias da Páscoa numa continuidade que abrange preparação, cume, e ainda continuação e aprofundamento. Observa-se, pelo contrário, que a práxis pastoral amiúde gasta muito tempo na preparação (Quaresma), esquecendo quase o seguimento e o aprofundamento (Tempo Pascal). Tempo de Quaresma e Tempo Pascal não são simplesmente dois tempos litúrgicos juntos, mas formam uma unidade litúrgica orgânica, são como as duas vertentes do único mistério celebrado e vivido pela comunidade crente e pelo discípulo do Senhor. Em cada um destes dois tempos acentua-se um dos dois grandes aspectos, necessários e interdependentes, do mistério pascal de morte e ressurreição. Na Quaresma, é evidenciada e vivida a componente «negativa» do mistério pascal, a Paixão, sem todavia esquecer o mistério pascal na sua globalidade. No Tempo Pascal é a outra dimensão, a dimensão positiva da «Ressurreição», da vida nova do Ressuscitado participada aos crentes, que é posta em evidência. Na Quaresma é evidenciado o aspecto da provação e da conversão da existência cristã; no Tempo Pascal é evidenciado o seu carácter pascal e pentecostal.

Enquanto preparação para a celebração da Páscoa, a Quaresma deve ser considerada um tempo de graça no qual os fiéis, mediante a escuta mais frequente da Palavra de Deus (porque «não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» é já a mensagem do I domingo), são convidados a redescobrir a sua dignidade de filhos de Deus e a sua libertação efectuada pela Páscoa de Cristo, ou seja, a graça do Baptismo (de facto, é mediante o Baptismo que somos inseridos no mistério pascal de Cristo e portanto tornados filhos no Filho e libertados da escravidão do pecado). O novo Povo de Deus está a caminho para a Terra Prometida do mundo redimido por Cristo, como se exprime com incisividade o prefácio da Quaresma V:

Senhor, Pai Santo, rico de misericórdia, é verdadeiramente nossa salvação bendizer o Vosso nome, no nosso itinerário para a luz pascal, seguindo os passos de Cristo, mestre e exemplo da humanidade reconciliada no Vosso amor. Vós abris de novo à Igreja o caminho do Êxodo, através do deserto quaresmal, para que, aos pés da montanha santa, de coração contrito e humilhado, tome consciência da sua vocação como povo da aliança, reunido para cantar o Vosso louvor, escutar a Vossa palavra e viver a experiência admirável dos Vossos prodígios.

Toda a vida do cristão é sempre uma caminhada na luz da Páscoa e em direcção à luz da Páscoa, por isso requer um dinamismo de conversão permanente: a Quaresma, sinal sacramental da nossa conversão, torna-se momento de referência e de reabastecimento necessário para todas as estações da vida do cristão.

A liturgia da Palavra

A peculiaridade da liturgia da Palavra no Tempo de Quaresma é que, junto com a costumada leitura «horizontal» das perícopes bíblicas dominicais (a que liga as leituras no interior de cada uma das celebrações), torna-se possível também uma leitura «vertical», ou seja, que deveria permitir-nos compreender o desenrolar

progressivo de uma temática de domingo a domingo nos ciclos A, B e C do tempo litúrgico.

Os seis domingos do Tempo da Quaresma, à maneira do que é afirmado em OLM 97, podem dividir-se em dois grupos, concluídos no último domingo, o Domingo de Ramos, que introduz imediatamente (com os primeiros dias da Semana Santa) nas celebrações pascais. Os primeiros dois domingos, em todos os três ciclos, estão baseados respectivamente nas tentações de Jesus no deserto e na sua Transfiguração. A atenção do crente é portanto endereçada, desde o início do tempo litúrgico, para a consideração das duas vertentes do mistério pascal de Cristo: o da Paixão no primeiro domingo, o da vitória gloriosa no segundo. Os três domingos seguintes, pelo contrário, têm características diversas nos três ciclos A, B e C. O domingo conclusivo, «Domingo de Ramos da Paixão do Senhor», finalmente, é assinalado como o único domingo do ano em que se faz memória solene da Paixão do Senhor.

No que diz respeito à leitura do *Evangelho*, é de notar, antes de mais, que a costumada utilização de Mateus e Marcos, respectivamente no ano A e B, é respeitada só nos primeiros dois domingos e no Domingo de Ramos (narração da Paixão). Nos outros três foram preferidas algumas perícopes de João, o mais «pascal» dos evangelhos. O ano C, pelo contrário, mantém a série de leituras escolhidas do Evangelho de Lucas, exceptuando o quinto domingo no qual se proclama o texto de João que narra o caso da mulher apanhada em flagrante adultério, episódio que os exegetas todavia consideram mais próximo do estilo de Lucas do que do de João.

No que diz respeito à *primeira leitura* notemos a preferência dada aos Livros Históricos do Antigo Testamento, em particular ao Génesis e ao Êxodo, nos primeiros quatro domingos, e aos Livros Proféticos no quinto. No Domingo de Ramos, depois, lê-se Isaías nos três ciclos. No que diz respeito ao Apóstolo, a preferência é dada à Carta aos Romanos, cinco textos em quinze nos primeiros cinco domingos, enquanto a passagem de Fl 2,6-11 que une a humilhação e a exaltação do Senhor (também aqui estão

presentes as duas vertentes do mistério pascal) é lido no Domingo de Ramos em todos os ciclos (outros dois textos da Carta aos Filipenses são lidos no segundo e no quinto domingo do ano C).

Já que a leitura «horizontal» será feita no comentário aos textos de cada domingo, tentamos aqui algumas linhas de uma leitura sintética «vertical» segundo os três ciclos.

Ano A

As *perícopes evangélicas* do ano A são as que chegaram até nós vindas da antiga tradição litúrgica romana, destinada à preparação imediata dos catecúmenos para os sacramentos da iniciação cristã. O ciclo A é por isso caracterizado em sentido baptismal. Isso resulta em linha com a função do Tempo de Quaresma como tempo de preparação para o Baptismo: a comunidade é convidada a tornar-se de novo catecúmena e penitente para reavivar o dom baptismal recebido, para tomar consciência de que a cada crente, mediante o Baptismo, foi dado participar na vida do Ressuscitado, para dar a possibilidade de uma retoma da graça baptismal a quem a tivesse perdido. Os evangelhos dos três domingos centrais são os típicos domingos baptismais de João com os episódios da samaritana, do cego de nascença e de Lázaro ressuscitado. O Baptismo é visto sucessivamente como dom do Espírito que brota do interior do crente, como «iluminação», isto é, como a capacidade de ver as coisas numa luz nova, a da fé, e finalmente como participação na vida de Cristo ressuscitado, ou seja, na vida eterna. A vida do baptizado é participação na vida do Ressuscitado na fé.

A *primeira leitura* foi escolhida com a finalidade de apresentar os momentos mais significativos da História da Salvação do Antigo Testamento (OLM 97). Sucedem-se os episódios da Criação, do chamamento de Abraão, da caminhada do povo no deserto, da escolha de David e do regresso do Povo (expresso em termos de ressurreição) do Exílio. Infelizmente, precisamente por causa da progressão «vertical», não resulta sempre claramente a relação com o *Evangelho*.

A série das perícopes da *segunda leitura* apresenta menos possibilidades de leitura progressiva; é ao invés mais em função de uma explicação ou conclusão da *primeira leitura* ou de uma introdução à temática evangélica. Aparece uma sucessão dos efeitos do Baptismo: onde abundou o pecado, superabundou a graça (I domingo), a graça que é outorgada em Cristo Jesus é salvação gratuita para a vida e a imortalidade (II domingo), ela consiste no amor de Deus derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo (III domingo), de modo a transformar o crente de trevas em luz (IV domingo) e, finalmente, torná-lo morada do Espírito do Ressuscitado que dá a vida (V domingo).

Ano B

Evangelhos. A reforma litúrgica acrescentou aos grandes evangelhos baptismais recebidos da Tradição (cf. ano A) outras duas possibilidades, de modo a constituírem um ciclo trienal de leituras também para a Quaresma. Todavia, «considerada a grande importância destes textos em relação à iniciação cristã [...] especialmente se houver catecúmenos» (OLM 97) podem utilizar-se as leituras do ano A também nos anos B e C. Para o ano B foram escolhidos textos explicitamente cristológico-pascais tirados do Evangelho de João. Trata-se do Templo destruído e reconstruído «em três dias» (III domingo), do Filho do homem que, como a serpente no deserto, deve «ser levantado»: referência, ao mesmo tempo, à elevação na Cruz e à Ressurreição (IV domingo), e do grão de trigo que morre para produzir muito fruto (V domingo). A atenção é dirigida para o grande acontecimento histórico-salvífico da morte e ressurreição de Cristo salvador, para o Seu mistério pascal. Já na colecta do primeiro domingo se pede para «crescer na compreensão do mistério de Cristo e a nossa vida seja um digno testemunho». Trata-se, portanto, de um conhecimento que não deve ser o fim de si mesmo, mas que deve levar o cristão a modelar a sua caminhada de vida na de Jesus, que caminha para a sua Páscoa.

As *primeiras leituras* desenvolvem a temática da Aliança, com a sucessão dos episódios do Antigo Testamento: a Aliança de Deus com Noé, com Abraão, com Moisés na dádiva da Lei, a fidelidade de Deus à Sua aliança com a libertação do povo do Exílio, e, finalmente, a Nova Aliança escrita no coração. Este último tema, da Nova Aliança, escatológica, anunciada pelos Profetas, está presente no V domingo dos três ciclos com textos, respectivamente, para os três anos, de Ezequiel, Jeremias e Isaías. Essas leituras levam o ouvinte da Palavra àquela aliança nova e eterna que Cristo realizou na Sua morte e ressurreição e que nos sacramentos pascais é oferecida a todos os homens.

Quanto ao texto do Apóstolo deve-se repetir o que foi dito antes para o ano A: trata-se de ligações com a *primeira leitura* ou com o *Evangelho* (ou com ambos) com a função de explicação ou de complementação do tema. Se no primeiro e no segundo domingo a referência é maior à leitura do Antigo Testamento, pois a Arca é vista como figura do Baptismo, e o sacrifício de Isaac como figura do baptismo de Cristo, no terceiro domingo a referência mais imediata parece ser o *Evangelho*: Cristo crucificado realiza as palavras de Jesus sobre a destruição do Templo; ao invés, nos últimos dois domingos parece possível encontrar uma ligação imediata com as outras duas leituras (embora mais talvez com o *Evangelho*) com os temas da fidelidade à Aliança do Deus que salva por graça e (V domingo) da realização da Aliança definitiva (profetizada na *primeira leitura*) na obediência de Jesus (imagem do grão de trigo que morre para produzir fruto).

Ano C

O aspecto evocado pelos *evangelhos* escolhidos para o ano C é o da conversão. A dimensão penitencial faz parte do caminho de sequela do discípulo na esteira do seu Senhor e Mestre. Também a caminhada do cristão é por isso uma caminhada de morte e ressurreição: trata-se, com efeito, de morrer para o egoísmo para viver segundo a lei do amor. Nesta linha pode afirmar-se que a

Quaresma é «sinal sacramental da nossa conversão». Nos três domingos intermédios são apresentados os episódios da figueira estéril, do filho pródigo e da mulher adúltera (infelizmente falta o do fariseu e o do publicano). Parece delinear-se um caminho que, partindo da urgência da conversão, passa através da garantia do acolhimento amoroso do pecador arrependido, para chegar à conclusão de que ninguém pode sentir-se dispensado da necessidade de se converter («quem estiver sem pecado...»).

Os textos da *primeira leitura* querem colocar em evidência algumas etapas históricas do caminho de fé do Povo de Deus do antigo Israel. A fé de Israel não se funda em afirmações teóricas a respeito da divindade, mas sobre a experiência das intervenções salvíficas de Deus na Sua história. Este ensinamento parece deveras precioso e actual também para o Povo de Deus da Igreja de hoje que celebra a Quaresma. Passa-se, de domingo em domingo, da profissão de fé do israelita piedoso que evoca as intervenções libertadoras de Deus na história dos seus antepassados, para a profissão de fé de Abraão nas promessas de Deus, para a fé de Moisés ao qual Deus revela o seu Nome e que aceita a sua missão a favor do Povo, para a primeira celebração da Páscoa na Terra Prometida (no rito, Israel professa a sua fé naquilo que é celebrado: a intervenção libertadora de Deus), até ao ápice do quinto domingo: a fé é dirigida não só até ao passado, mas também ao futuro, à «coisa nova» que o Senhor prepara: a fé abre-se e encontra a sua perfeição na esperança.

A *segunda leitura* concorda e explica as outras duas leituras, conforme já foi dito para os anos A e B. Em particular nos dois primeiros domingos, parece fácil de encontrar mais a referência à *primeira leitura*: à confissão de fé do israelita piedoso corresponde a do cristão (I domingo) e à fé de Abraão no cumprimento da promessa de Deus corresponde a do cristão à espera do seu Salvador (II domingo). Quanto aos outros três domingos, falaremos nos comentários respectivos.

Conclusão

Examinando o leccionário dos domingos da Quaresma podemos descobrir, em cada um dos três ciclos, dois percursos baseados respectivamente nas leituras do *Evangelho* e do Antigo Testamento. A relação entre os dois percursos pode por isso não ser sempre fácil. Para obviar, pelo menos em parte, a essa dificuldade, pode-se recorrer à *segunda leitura*. Com efeito, esta pode servir de ligação entre os dois percursos porquanto as perícopes foram escolhidas «segundo o critério de as fazer concordar quanto ao tema com as do Evangelho e as do Antigo Testamento, e apresentá-las todas na relação mais estreita possível entre si». (OLM 7) As temáticas do *Evangelho* são, como se viu, a baptismal (ano A), a cristológico-pascal (ano B) e a da conversão (ano C). No que diz respeito às *primeiras leituras*, pelo contrário, as grandes etapas da história da Salvação são lembradas para que o crente possa revê-las na sua existência correspondendo ao convite de Deus que chama sempre o seu Povo à fé (ano A), à Aliança (ano B), à vida nova no espírito da ressurreição (ano C).

MARIO CHESI

INTRODUÇÃO AO TEMPO DA PÁSCOA

O tempo

No dia da Epifania, depois da proclamação do Evangelho, foi lido aos fiéis, com estas palavras, o anúncio do dia de Páscoa: «O centro de todo o ano litúrgico é o Tríduo do Senhor crucificado, sepultado e ressuscitado, que culminará no Domingo de Páscoa...» Com efeito, é na celebração do mistério pascal de Cristo que o fiel encontra o coração e o sentido da sua fé, segundo as palavras do Apóstolo: «se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia e também é vazia a fé que tendes.» (1COR 15,14)

Por isso, a alegria que explode na noite de Páscoa é demasiado grande para poder ser contida num só dia, e por conseguinte, desde a altura da sua instituição, a festa de Páscoa foi sempre seguida de cinquenta dias, vividos e celebrados como um único e grande domingo, entendidos como uma longuíssima festa, todos unidos na mesma alegria.

Cinquenta dias são sete semanas mais um dia: sete vezes sete na Bíblia é um número simbólico que indica a plenitude absoluta, a perfeição, e um dia a mais indica um excesso, encaminha para um amanhã, para alguma coisa que não se cumpre neste mundo, mas que evoca a eternidade. Assim, os domingos do Tempo

Pascal (significativamente chamados pelo actual Missal Romano: primeiro, segundo, terceiro domingos «da Páscoa» e não «depois da Páscoa», como acontecia antes) são oito: sete mais um. Também aqui há uma comparação com o oitavo dia, um dia que não existe no ritmo natural do tempo, o dia que é primeiro e último ao mesmo tempo, o dia de Cristo Senhor que celebramos todos os domingos.

Os primeiros oito dos cinquenta dias constituem «a oitava da Páscoa». Cada um destes oito dias deveria ser celebrado com a mesma solenidade do Domingo da Ressurreição. Claramente, as condições normais de vida e de trabalho impedem, à maior parte das pessoas de hoje, fazê-lo, mas nesta semana a liturgia exprime e provoca a alegria pascal meditando na Ressurreição de Jesus e no renascimento dos cristãos pelo Baptismo.

A Palavra

A liturgia da Palavra do Tempo Pascal é riquíssima. A primeira leitura é sempre extraída dos Actos do Apóstolos que são lidos numa forma semicontínua. Neles Lucas oferece-nos uma leitura teológica da história dos começos do cristianismo: as vicissitudes da Igreja nascente, o dom do Espírito, o primeiro anúncio do Evangelho, o florescimento das primeiras comunidades, a abundância das conversões, a tomada de consciência da autonomia do judaísmo, a narração dos acontecimentos felizes e tristes dos primeiros fiéis e anunciadores do Ressuscitado. Narra tudo da novidade imensa contida na história da Ressurreição de Cristo e como esta interpela a liberdade de quem recebe esse anúncio.

Nas semanas sucessivas será unicamente o Evangelho de João a acompanhar o fiel através da leitura dos discursos de Jesus pronunciados por ocasião das três Páscoas que marcam a cronologia do Quarto Evangelho: na segunda semana lêem-se, do capítulo terceiro, o diálogo entre Jesus e Nicodemos e o último testemunho de João Baptista; os dias que vão de sexta-feira da segunda semana até sábado da terceira são marcados pela leitura do sexto

capítulo com o discurso sobre o «pão da vida». Depois da leitura de uma parte do décimo capítulo sobre o «bom pastor», na quarta-feira da quarta semana lê-se um texto do capítulo 12 e depois começa a leitura dos discursos de adeus e da oração sacerdotal do Senhor (caps. 13-17). Finalmente, na sexta-feira e sábado da sexta semana, é proclamado o último capítulo do Evangelho de João.

Deste modo completa-se a leitura do Quarto Evangelho iniciada durante o Tempo da Quaresma.

Estes textos, proclamados e recebidos no contexto da celebração eucarística, quando a assembleia é convocada por Cristo que nela continua a falar, ajudam os cristãos a penetrar no mistério pascal, a vivê-lo na Eucaristia que celebram, a descobrir nela profundidades novas (pensemos, neste sentido, na mina de pérolas preciosas constituída pelos caps. 6 e 13-17 de João).

A oração

Para esta experiência espiritual que se cumpre de modo privilegiado no rito, concorre a eucologia enriquecida com orações alternativas «sobre as oblatas» e «depois da comunhão». Esta sublinha continuamente os temas da vida, da luz, da alegria pascal, da festa, da redenção, do renascimento baptismal e pede a unidade entre aquilo que se celebra no mistério e a vida; invoca a graça para os neófitos e, desde a solenidade da Ascensão, implora uma nova efusão do dom do Espírito Santo.

Particularmente dignos de nota são os prefácios do Tempo Pascal. Neles percorremos, com o estilo poético que lhes é próprio, a teologia pascal: desde Cristo verdadeiro cordeiro que tira o pecado, que dá a vida, que restaura o universo e intercede pelos fiéis, até ao mistério da Ascensão que abre as portas para um Pentecostes renovado.

A Liturgia das Horas propõe, durante a oitava, a Primeira Carta de Pedro, antiga catequese baptismal. Em seguida, da segunda à quinta semana, apresenta a profecia do Apocalipse de João: dis-

curso dirigido à Igreja reunida em assembleia litúrgica para que saiba viver o seu tempo de fadigas e perseguições, interpretando-o à luz da vitória do bem sobre o mal já realizada pelo mistério pascal de Cristo. Durante a sexta e a sétima semana lêem-se as três Cartas de João.

Verdadeiro refrão do Tempo Pascal e elemento que lhe exalta a característica de tempo da alegria exuberante é a presença contínua e repetida do Aleluia. Acrescentado às antífonas de entrada, da comunhão, até às fórmulas de despedida da celebração eucarística e da Liturgia das Horas, proposto como refrão alternativo ao *salmo responsorial*, cantado de novo – depois da interrupção quaresmal – antes da proclamação do *Evangelho*, acrescentado às antífonas dos salmos e dos cânticos, inserido nos responsórios da Liturgia das Horas, este cântico exprime bem o louvor que brota do coração dos cristãos que celebram a festa da sua libertação.

ALBERTO VELA

A PALAVRA DE DEUS NO TEMPO PASCAL

Tempo Pascal: *laetissimum spatium*

O Tríduo Pascal, cume do ano litúrgico, continua nos cinquenta dias do Tempo Pascal. O *laetissimum spatium* constitui uma única e grande solenidade marcada no começo pelo Domingo de Páscoa (vértice do Tríduo Pascal) e no seu termo pelo Domingo de Pentecostes. Depois da «semana grande» (Semana Santa) começa a «semana das semanas», assim chamada porque é formada por sete semanas mais um dia. O número cinquenta que daí resulta indica a conclusão da completa perfeição (o sete, número perfeito, é multiplicado sete vezes e ao resultado acrescenta-se um). Não admira que, precisamente porque diz respeito ao mistério central da fé dos cristãos, este seja o primeiro dos tempos litúrgicos a ser celebrado e vivido na comunidade eclesial (ainda antes da Quaresma). Isto não deveria ser esquecido hoje, quando a pastoral corre o risco de ser vítima de uma sobrevalorização do Tempo Quaresmal, ao passo que a Quaresma é apenas a preparação para a celebração do mistério pascal na sua totalidade. A possibilidade de, após um esforço intenso na preparação do Tempo Quaresmal, se vir a viver languidamente o mistério para o qual fez a preparação, não é de todo improvável. Por isso, se a Quaresma é um «tempo forte», o Tempo Pascal deveria ser considerado um «tempo fortíssimo».

Dever-se-ia prestar atenção também ao carácter unitário da celebração deste mistério. Este deve considerar-se, como nos ensina a Igreja antiga, na sua globalidade inseparável de Paixão, Morte, Ressurreição gloriosa, Ascensão à glória do Pai e efusão do Espírito Santo. Evidentemente, se no tempo que precede o Domingo de Páscoa é no aspecto doloroso do mistério que se concentra a atenção, no tempo que o segue é o momento glorioso do mistério que deve ser evidenciado. Mas sem esquecer no entanto que o Cordeiro que está sentado no trono vencedor é o Cordeiro imolado que mantém, mesmo na glória, os sinais da sua imolação (cf. AP 5,6). As *Normas gerais para a ordenação do ano litúrgico*, no número 22 prescrevem que:

Os cinquenta dias que se sucedem desde o Domingo da Ressurreição até ao Domingo de Pentecostes celebram-se no regozijo e na festa como um só dia de alegria, melhor, como «o grande domingo».

Por isso, também os domingos deste tempo já não são domingos depois da Páscoa, mas domingos da Páscoa: a distinção está somente no número progressivo que os distingue.

Ascensão e Pentecostes

As duas festas que sobressaem no final deste tempo, a Ascensão no quadragésimo dia, e o Pentecostes no quinquagésimo, não devem ser vistas como dois momentos independentes, mas no interior do mistério pascal. Páscoa, Ascensão e Pentecostes colocam-se portanto na vertente positiva do mistério como três aspectos particulares de um só acontecimento. Tanto que no Evangelho de João são colocados no mesmo dia, o da Ressurreição do Senhor. As duas datas simbólicas de Lucas (quadragésimo e quinquagésimo dia) não devem por isso interpretar-se em sentido cronológico: arriscar-nos-íamos a fragmentar a unidade do mistério. Trata-se, ao invés, da celebração de aspectos diversos mas complementares de um único e grande mistério.

O Tempo Pascal é o tempo mistagógico por excelência; é por isso o tempo de aprofundamento da união com Cristo presente no Espírito na sua Igreja. O cristão no seu Baptismo recebeu o que é próprio da Igreja: o Espírito Santo que lhe foi dado no Pentecostes e que continua a ser-lhe dado na celebração dos sacramentos. É este Espírito que coloca os cristãos em comunhão com o Pai e o Filho, e entre si num permanente dinamismo de graça. No Tempo Pascal a Igreja contempla Cristo ressuscitado na glória, no exercício pleno do seu Sacerdócio, que consiste no dom incessante do Espírito Santo para a divinização progressiva do homem. Por isso no Oriente, no domingo depois do Pentecostes, celebra-se a festa de Todos os Santos, ou seja, celebra-se a obra do Espírito Santo nos fiéis. É o tempo em que a Igreja descobre que é habitada pelo seu Senhor que lhe faz a dádiva dos seus «poderes senhoriais» («Toda a autoridade Me foi dada no Céu e sobre a Terra»; Mt 28,18): a Palavra, os sacramentos, sobretudo os que, perdando o pecado do homem operam nele a santificação (Baptismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência).

O cristão deve porém recordar que no Ressuscitado ele celebra não só Aquele que lhe dá a sua vida, mas também Aquele que lhe dá a capacidade de dar, por sua vez e por amor, a própria vida no serviço dos irmãos. É este o sinal de que a Páscoa, passagem da morte para a vida, alcançou aquele que acredita no Ressuscitado: «nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os nossos irmãos.» (1Jo 3,14)

A liturgia da Palavra no Tempo Pascal

A tradição litúrgica da Igreja reserva a proclamação de alguns livros da Bíblia para determinados tempos litúrgicos, enquanto mais aptos a captar-lhe o espírito e a favorecer a participação no mistério recordado e celebrado. Em particular, a OLM 74 adverte que:

é conservada a tradição, quer ocidental (ambrosiana e ibérica) quer oriental, de ler no Tempo Pascal os Actos dos Apóstolos.

Coloca-se assim em relevo que é precisamente do mistério pascal que tem origem a vida da Igreja. É conservada igualmente a tradição ocidental e oriental de ler o Evangelho de João nas últimas semanas da Quaresma e no Tempo Pascal.

São portanto livros «típicos» deste tempo, em primeiro lugar o Evangelho de João, mais marcadamente «pascal» em comparação com os sinópticos; depois, em substituição como *primeira leitura* da perícope do Antigo Testamento, os Actos dos Apóstolos, que descrevem a continuação, na Igreja, da acção do Ressuscitado mediante o seu Espírito; finalmente, como *segunda leitura* recorre-se ao Apocalipse, à Primeira Carta de Pedro e à Primeira Carta de João, textos que recordam a tensão escatológica da existência cristã. Falta por isso neste tempo a leitura do Antigo Testamento, uma opção não muito feliz enquanto o Tempo Pascal pareceria o mais indicado para demonstrar que é no mistério pascal de Cristo que toda a história da Salvação encontra o seu cumprimento. Foi o que fez o próprio Senhor Jesus quando explicou aos discípulos de Emaús o que tinha acontecido na sua Páscoa:

começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava aos discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito d'Ele. (Lc 24,27)

Dentro do Tempo Pascal evidentemente sobressaem as três solenidades da Páscoa, da Ascensão e do Pentecostes, com acen-tuações específicas e particulares do mistério pascal na sua globalidade. Se na Páscoa da Ressurreição é todo o mistério que é considerado de modo global, nas outras duas solenidades a acen-tuação é sobretudo cristológica na Ascensão (a consumação da obra de Cristo sobre a terra e a Sua entronização à direita do Pai), e sobretudo pneumatológica no Pentecostes: ou seja, a presença espiritual segundo o Espírito, entre os fiéis de Cristo ressuscitado e vivo.

Domingo de Páscoa

Notemos antes de mais para esta solenidade, vértice e ponto de divisão entre dois tempos (Quaresma e Tempo Pascal) que representam as duas fases da vida cristã (cf. o ensinamento de Santo Agostinho na *segunda leitura* do Ofício de Leitura no sábado da V e da VI semana do Tempo Pascal), a unidade das leituras para os três anos com a referência evidente e obrigatória ao mistério celebrado. A experiência de Pedro junto ao sepulcro vazio (*Evangelho*) explicita-se no seu testemunho de acreditar no Ressuscitado (*primeira leitura*) que não pode deixar de ter consequências na vida do crente (*segunda leitura*).

Ascensão do Senhor

Também nesta solenidade a perícope da *primeira leitura* é única e obrigatória nos três ciclos: trata-se da narração do acontecimento celebrado (ACT 1,1-11). Ao invés, a *segunda leitura* é diversa nos três anos: as duas perícopes da Carta aos Efésios (anos A e B) explicitam a comunhão de todos os crentes no Espírito do Ressuscitado, cabeça da sua Igreja. O texto da Carta aos Hebreus (ano C) mostra como Cristo, mediante os mistérios da sua Páscoa, abriu um «caminho novo e vivo» para entrar no santuário do Céu. Juntando-se a Ele, o fiel espera na fé e na vigilância a sua salvação definitiva. O *Evangelho* é tomado dos três sinópticos, segundo o esquema (é caso único no Tempo Pascal) que atribui MT ao ano A e respectivamente MC e LC aos anos B e C. Também o *Evangelho*, como a *primeira leitura*, se referem directamente ao acontecimento celebrado.

Se a Ressurreição é a saída do reino dos mortos para regressar ao dos vivos, a Ascensão é a entrada de Jesus no «Céu», no lugar do divino, é o momento da Sua glorificação, aquele em que Jesus aparece como «Senhor», enquanto «está sentado à direita do Pai», participante dos seus poderes: «Toda a autoridade me foi dada no Céu e sobre a Terra.» (MT 28,18) É a festa de Cristo vencedor

que «nos fez sentar nos Céus.» (Ef 2,6, citado do Sl 68,19), da Sua entronização à direita do Pai «muito acima de qualquer principado, autoridade, poder e soberania» (Ef 1,21), agora «Chefe dos reis da Terra.» (Ap 1,5) Com Cristo subiu também o homem, porque aos céus levou a sua humanidade: «Na pessoa de Jesus Cristo, Deus ressuscitou-nos e fez-nos sentar no Céu» (Ef 2,6-7), onde está a nossa pátria, «de onde esperamos ansiosamente o Senhor Jesus Cristo como Salvador. Ele vai transformar o nosso corpo miserável, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso, graças ao poder que Ele possui de submeter a Si todas as coisas.» (Fl 3,20-21)

Domingo de Pentecostes

Também para esta solenidade a *primeira leitura* é única para os três ciclos: trata-se de Act 2,1-11, narração do acontecimento celebrado. Quanto ao *Evangelho*, porém, ao da narração de João da dádiva do Espírito Santo da parte do Ressuscitado na tarde da Ressurreição (proclamado também no segundo domingo nos três ciclos), foram acrescentados na anterior edição do *Leccionário* outros dois textos de João no discurso de adeus com a promessa do Espírito Santo por Jesus. No que diz respeito à *segunda leitura*, os textos paulinos referem-se à unidade dos batizados, num só corpo, operada pelo Espírito mediante os sacramentos (ano A), a contraposição entre as obras da carne e o fruto do Espírito (ano B), e finalmente o ensinamento segundo o qual quem possui o Espírito de Cristo não vive segundo a carne que leva à morte, mas segundo o Espírito que é vida (ano C).

Fica clara na celebração do Pentecostes a relação entre o Espírito e Cristo, melhor, entre o Espírito e o mistério pascal de Cristo. A relação com a Páscoa fica obscurecida se no Pentecostes se vê simplesmente o aniversário da descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos. O Espírito Santo é o «Espírito de Cristo» e por isso Ele é quem interioriza nos crentes o mistério pascal de Cristo. A origem do dom do Espírito é o Cristo glorioso da Pás-

coa: «Quem tem sede venha a Mim e beba [...] Do seu seio jorrarão rios de água viva. Jesus disse isto, referindo-se ao Espírito que deveriam receber os que acreditassem n'Ele» (Jo 7,37-39): é a perícope evangélica proposta para a vigília da Solenidade. Na tarde de Páscoa tem início para João o tempo novo, o tempo do Espírito que terá como tarefa manter viva a «memória» de Jesus e fazer compreender o significado das Suas palavras (cf. as perícopes evangélicas dos anos B e C), de que o Espírito é o «outro Consolador», Aquele que permanece com os discípulos na ausência de Jesus (*Evangelho* ano C). O Espírito é dado à Igreja para que esta continue a obra de Jesus no mundo.

Os domingos da Páscoa

A partir dos evangelhos parece possível um percurso vertical (diacrónico) bastante linear dos domingos do Tempo Pascal. É mais difícil a concordância temática horizontal, ou seja, no interior de cada domingo, pela necessidade de ter em conta o critério da *lectio* semicontínua com o qual foram escolhidas (em linha de máxima, com algumas exceções a respeito da harmonização temática) as outras duas leituras. A *primeira leitura* é sempre tirada dos Actos dos Apóstolos com textos em sucessão progressiva que se tenta concordar com a leitura evangélica. Como *segunda leitura*, pelo contrário, recorre-se para os três anos respectivamente a 1Pd, 1Jo e Ap. Também estes textos foram escolhidos segundo o critério da sucessão progressiva e da concordância temática com o *Evangelho*. O que caracteriza os domingos é por isso a perícope evangélica.

Começando pelo texto evangélico, poder-se-ia individuar para cada domingo do Tempo Pascal o seguinte percurso: o II domingo, mesmo enquanto «oitava de Páscoa», é ainda tipicamente «pascal»: o texto é de Jo 20,19-31 para os três anos. Trata-se da aparição de Jesus Ressuscitado no cenáculo aos discípulos na tarde de Páscoa, estando Tomé ausente, e depois, oito dias após com Tomé, que pronuncia a sua profissão de fé em Jesus ressuscitado.

É significativo que a mesma perícopa, numa forma mais breve, conclua o ciclo pascal no Pentecostes (ano A).

No III domingo a temática é a das refeições do Ressuscitado com os seus. Faz-se uma excepção parcial à leitura do Evangelho de João com dois textos de Lc 24 nos anos A e B (aparição em Emaús e no Cenáculo); no ano C, pelo contrário, é retomada a narração de João da aparição no lago de Tiberíades. Resulta clara a lembrança eucarística: o rito memorial da Páscoa do Senhor é o lugar da presença do Ressuscitado entre os seus na sua ausência.

O IV domingo está todo organizado em redor da figura de Jesus Bom Pastor que dá a vida pelas Suas ovelhas. Lê-se quase todo o capítulo 10 de João distribuído pelos três anos.

Nos V e VI domingos são propostos textos do discurso de adeus da Ceia do Senhor. No V domingo a acentuação é marcadamente cristológica (permanecer em Cristo que é «Caminho, Verdade e Vida») e eclesiológica: a comunhão trinitária reflecte-se na comunhão eclesial dos crentes. No VI domingo a acentuação é sobre a vertente pneumatológica: o Espírito Santo é o «outro Consolador», é Aquele que permite à comunidade eclesial e ao crente caminhar nas sendas do amor, é Aquele que faz lembrar e captar em plenitude o ensinamento de Jesus.

O VII domingo pode ser caracterizado como o domingo da oração de Jesus pelos seus: de facto, proclama-se um texto da oração de Jesus depois da Última Ceia. Nota-se nos textos, sobretudo na *primeira leitura*, a característica de período entre a Ascensão e o Pentecostes. Isso torna um tanto difícil a harmonização temática das três leituras. Esta deve procurar-se então, mais do que num tema particular, na memória cronológica de um tempo situado entre a Ascensão e o Pentecostes. Note-se que o VII domingo da Páscoa dá o seu lugar à Ascensão quando esta se celebra ao domingo.

Conclusão

Como conclusão poder-se-ia dizer que o itinerário litúrgico do Tempo Pascal coloca a comunidade eclesial e o simples fiel em contacto com o mistério central da sua fé: eles são chamados a acolher o dom que o Pai lhes faz de Si mesmo na pessoa do Filho e do Espírito Santo. Em particular, a sucessão dos domingos do Tempo Pascal apresenta uma série de aprofundamentos e de olhares em perspectiva sobre o mistério pascal visto na sua vertente positiva de Ressurreição, Ascensão-entronização à direita do Pai e efusão do Espírito. Mais do que um caminho que se desenrola em etapas sucessivas cronológica ou logicamente concatenadas, aparece como a repetição de perspectivas diversas da tentativa de penetração num mistério que se mostra cada vez maior do que toda a possibilidade de compreensão humana. Isso é porém colocado á disposição de cada comunidade eclesial e de cada crente para que, celebrando-o, possam participar na medida em que forem capazes. Como a Escritura para quem a lê, também o «mistério» cresce com aquele que o celebra.

MARIO CHESI

OBSERVAÇÕES GERAIS

- O nome divino JHWH (Javé) é escrito sem vogais, por respeito aos nossos «irmãos mais velhos», os hebreus, que nunca o pronunciavam, obedecendo ao mandamento (cf. Ex 20,7).
- A transliteração das palavras hebraicas e gregas é muito simplificada, para que seja legível e mais fácil de pronunciar em português.
- Os Salmos são citados conforme a numeração das edições litúrgicas da Bíblia.
- Os acrescentos litúrgicos ao texto bíblico são colocados entre parêntesis rectos.
- Recordam-se as seguintes siglas:

TM Remete para o texto hebraico vocalizado chamado texto massorético (500-900 d. C.)

LXX Remete para a versão grega chamada dos *Setenta* (250-100 a. C.).

OLM *Ordo lectionum Missae*: corresponde ao Leccionário que contém as leituras para a celebração eucarística.

EV Remete para o *Enchiridion Vaticanum* que contém os documentos oficiais da Santa Sé.

DV *Dei Verbum*, constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a divina Revelação (18 de Novembro de 1965).

GS *Gaudium et Spes*, constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo contemporâneo (7 de Dezembro de 1965).

SC *Sacrosanctum Concilium*, constituição do Concílio Vaticano II sobre a sagrada liturgia (4 de Dezembro de 1963).

TC Tempo Comum do ano litúrgico.

- Convém ter presentes os seguintes termos:

Colecta na celebração eucarística, é a oração que condensa a oração de todos («Oremos») e que é apresentada a Deus pelo sacerdote em nome da comunidade reunida, antes da proclamação das leituras;

Torá termo hebraico que se traduz por «doutrina, instrução, ensinamento». Em sentido estrito, é a Lei revelada a Moisés;

Hassidim «piedosos, fiéis [judeus]», enquanto «fiéis à Lei» exigiam a observância rigorosa dela, porque viam realizada nisso a aliança com Deus. Grupo religioso judaico surgido nos tempos de Antíoco IV Epifânio (século II a. C.);

Corão

ou *Qur'an* livro sagrado, inspirado da religião islâmica; é para eles palavra divina, objecto de recitação contínua durante a oração de cada muçulmano.

ABREVIATURAS DOS LIVROS BÍBLICOS

Génesis	GN	Amós	AM
Êxodo	Ex	Abdias	AB
Levítico	Lv	Jonas	JN
Números	NM	Miqueias	MQ
Deuteronómio	DT	Naum	NA
Josué	Js	Habacuc	HAB
Juízes	Jz	Sofonias	SF
Rute	Rt	Ageu	AG
Samuel	1SM, 2SM	Zacarias	ZC
Reis	1Rs, 2Rs	Malaquias	ML
Crónicas	1CR, 2CR	Mateus	MT
Esdras	ESD	Marcos	MC
Neemias	NE	Lucas	LC
Tobias	TB	João	Jo
Judite	JT	Actos dos Apóstolos	ACT
Ester	EST	Romanos	RM
Macabeus	1Mc, 2Mc	Coríntios	1COR, 2COR
Job	JOB	Gálatas	GL
Salmos	SL	Efésios	EF
Provérbios	PR	Filipenses	FL
Eclesiastes (Coélet)	ECL	Colossenses	CL
Cântico	CT	Tessalonicenses	1Ts, 2Ts
Sabedoria	SB	Timóteo	1TM, 2TM
Eclesiástico (Ben Sirá)	ECLO	Tito	TT
Isaías	IS	Filémon	FM
Jeremias	JR	Hebreus	HB
Lamentações	LM	Epístola de São Tiago	TG
Baruc	BR	Epístolas de São Pedro	1Pd, 2Pd
Ezequiel	EZ	Epístolas	
Daniel	DN	de São João	1Jo, 2Jo, 3Jo
Oseias	OS	Epístola de São Judas	JD
Joel	JL	Apocalipse	AP

ÍNDICE GERAL

Introdução ao Tempo da Quaresma (MANLIO SODI).....	5
A Palavra de Deus no Tempo da Quaresma (MARIO CHESI)	9
Introdução ao Tempo da Páscoa (ALBERTO VELA).....	19
A Palavra de Deus no Tempo Pascal (MARIO CHESI)	23
Observações Gerais.....	32

TEMPO DA QUARESMA

Quarta-Feira de Cinzas (dias depois das Cinzas) (STEFANO TAROCCHI).....	37
I Domingo da Quaresma Ano A (ANNA MARIA GIORGI)	51
Ano B (ALBERTO MAGGI).....	57
Ano C (CHINO BISCONTI)	62
I Semana da Quaresma.....	68
II Domingo da Quaresma Ano A	91
Ano B	96
Ano C	101
II Semana da Quaresma	107
III Domingo da Quaresma Ano A	134
Ano B	140
Ano C	145
III Semana da Quaresma	151

IV Domingo da Quaresma	
Ano A	175
Ano B	180
Ano C	185
IV Semana da Quaresma	191
V Domingo da Quaresma	
Ano A	215
Ano B	221
Ano C	226
V Semana da Quaresma	232
Domingo de Ramos da Paixão do Senhor (GIORGIO GIURISATO)	258
Semana Santa (GIORGIO GIURISATO)	279
O Tríduo Pascal (MARIO CHESI)	295
Quinta-Feira Santa (Ceia do Senhor)	301
Sexta-Feira Santa (Paixão do Senhor)	310
Domingo de Páscoa (Ressurreição do Senhor)	320
TEMPO PASCAL	
Oitava da Páscoa	373
II Domingo da Páscoa ou da Divina Misericórdia	
Ano A (PASQUALE PEZZOLI)	397
Ano B (GIACOMO MORANDI)	403
Ano C (PIETRO RATTIN)	408
II Semana da Páscoa (ERNESTO BORGHI)	413
III Domingo da Páscoa	
Ano A	438
Ano B	444
Ano C	450
III Semana da Páscoa (ANA MARIA GIORGI)	456

IV Domingo da Páscoa	
Ano A	480
Ano B	486
Ano C	491
IV Semana da Páscoa (ARCANGELO BAGNI)	496
V Domingo da Páscoa	
Ano A	523
Ano B	529
Ano C	534
V Semana da Páscoa	540
VI Domingo da Páscoa	
Ano A	565
Ano B	571
Ano C	577
VI Semana da Páscoa	583
Ascensão do Senhor	
Ano A (RINALDO FABRIS)	608
Ano B (ROMEU CAVEDO)	613
Ano C (GÉRARD ROUSSÉ)	618
VII Semana da Páscoa	623
Domingo de Pentecostes	
Missa da vigília	647
Missa do dia	
Ano A	656
Ano B	662
Ano C	666

SOLENIIDADES

São José, Esposo da Virgem Maria	
Solenidade, 19 de Março	673
Anunciação do Senhor	
Solenidade, 25 de Março	679